

DESCENDENTES DE ULISSES: O MITO DAS SEREIAS NA LAGOA ENCANTADA - ILHÉUS/BA

Mari Guimarães Sousa¹

Resumo: O estudo aborda a narrativa oral sobre as sereias, coletada na região da Lagoa Encantada, Ilhéus (BA), tendo em conta os conceitos de mito e simulacro, buscando uma compreensão sobre o funcionamento do pensamento mítico e seu caráter simbólico enquanto narrativas que operam acontecimentos dispersos e legitimam as vozes de sujeitos enunciadoreis.

Palavras-chave: narrativas orais, imaginário das águas, mito, simulacro.

O mito é o nada/ que é tudo
Fernando Pessoa

A chamada destes versos pessoanos para iniciar este estudo propõe evidenciar uma postura anti-metafísica diante do tema a ser aqui abordado: o mito. Tais versos, ao aproximar palavras de sentidos opostos, uma vez que navegamos de um sentido nítlico (*nada*) para um de abrangência absoluta (*tudo*), elidem a cisão entre o mito e a realidade, estabelecendo-se, assim, um paradoxo, uma fusão de contrários, que nos obriga a repensar sobre a abrangência de significados que envolvem o tema proposto.

O mito é um fenômeno bastante complexo, pois apresenta, a depender dos contextos culturais no qual circula, uma gama de significados que somente uma teoria da linguagem abordada como discurso (apesar de toda a sua precariedade) pode apreender.

Para definirmos um posicionamento paradigmático e, portanto, teórico ante o nosso objeto de estudo - o mito da sereia - optamos por um paradigma que, em princípio, nos desprenda dos ciclos das continuidades irrefletidas apontadas por Foucault em *A arqueologia do saber* (1997): tradição, influência, desenvolvimento e evolução, dentre tantas outras. Porque essas continuidades, cujas camadas sedimentares foram construídas a partir de relações de poder e de saber, são atualmente questionadas em virtude de suas relações hierárquicas e de dominância, cuja causalidade circular dos discursos que as mantêm visam sempre a corroborar um modelo que se institui como inquestionável, imposto pela metafísica ocidental.

¹ Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da UFBA. – marigsousa@hotmail.com



Num contexto de revisão, de re-leitura de conceitos e de posicionamentos teóricos, onde as verdades passaram a ser relativizadas pelas relações intersubjetivas, a antevisão do ilustre poeta português entra em consonância com as idéias de Foucault quando postula que

É preciso por em questão essas sínteses acabadas, esses agrupamentos que, na maioria das vezes, são aceitos antes de qualquer exame, esses laços cuja validade é reconhecida desde o início; é preciso desalojar essas formas, essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens [...] E ao invés de deixá-las ter valor espontaneamente aceitar tratar apenas, por questão de cuidado com o método em primeira instância, de uma população de acontecimentos dispersos (FOUCAULT, 1997, P. 24).

Desse modo, ao inserirmos o estudo do mito no campo da linguagem, lembramos que as possibilidades infinitas de interpretá-lo tornam-se ainda mais evidentes, pois uso do signo, nessa vertente teórica, sinalizará sempre inúmeras dispersões de significados ao longo de toda uma cadeia de significantes, numa oscilação de presença e ausência, já que a linguagem é um processo temporal (EAGLETON, 1994). Nesse sentido, a suspeita de que a linguagem não diz exatamente o que diz, bem como a constatação de que há muitas outras coisas que falam e que não são exatamente linguagem (FOUCAULT, Op. cit.), implica em afirmar que, os acontecimentos discursivos passam pelo crivo das subjetividades.

Cada linguagem circula em um determinado contexto, ou seja, cada interpretação é produtora de um sentido. Haverá sempre, portanto, outras significações a serem constatadas, reelaboradas e/ou ressignificadas, como ocorrem de modo evidente, nas narrativas míticas. Daí a impossibilidade em adotarmos uma definição estável do que seja mito, já que as definições estarão sempre sujeitas aos critérios (ideológicos, estéticos, etc.) estabelecidos de acordo com as épocas e os lugares, bem como em conformidade com as sociedades e seus interesses vigentes. Além disso, qualquer tentativa de definição do mito demandará sempre algumas opções metodológicas.

Nesse caso, o método arqueológico foucaultiano (cuja proposta é desconstruir/reverter o pensamento transcendental) mais do que uma descrição paradigmática, propõe um corte horizontal de mecanismos que articulam diferentes acontecimentos discursivos que se encontram relacionados às várias formas de poder. Importa-nos ainda lembrar que nesse projeto arqueológico do saber, encontram-se, ao mesmo tempo, a ideia da *arché* como emergência dos objetos de conhecimento e ainda a ideia de arquivo enquanto registro desses objetos.

Essas incursões teóricas importam porque além de justificar a escolha do tema (o estudo comparativo do mito das sereias), o método arqueológico possibilita conhecer diversas formas de saber, não no sentido de buscar a origem, pois na esteira das discontinuidades - dos acontecimentos outrora desprezados pelos estudos acadêmicos - faz-se necessário, justamente, buscar as dispersões, o diferente. Reverter a lógica do Mesmo, destituir o paradigma das verdades indiscutíveis.

Sendo assim, este estudo se baseia em um modelo que visa a substituir as sucessões lineares pelo jogo das interpretações. Tornando possível eleger para análise a fala de Dona Edith Ferreira, uma representante de uma comunidade pesqueira de Ilhéus, a Lagoa Encantada, cuja voz se faz presente em um programa de televisão, o Bahia Revista, exibido em agosto de 2006, pela rede de TV Santa Cruz, emissora da Região Sul-baiana, afiliada da Rede Globo.

O objetivo é, portanto, tentar compreender o funcionamento do pensamento mítico, o seu caráter simbólico, enquanto narrativas que operam acontecimentos dispersos que legitimam as vozes de sujeitos enunciadoreis, anteriormente destituídos de autoridade pelos mecanismos de exclusão (as interdições, as oposições verdadeiro/falso), e de controle (mais especificamente, como o do sistema restrição, de rarefação dos sujeitos que falam) apontados por Foucault em *A Ordem do Discurso* (1996). Além disso, verificar as formas de permanência do mito nas vozes dos narradores desta comunidade, seu valor de verdade num contexto de intersubjetividades que relativizam essas mesmas verdades.

Nessa busca de entendimento sobre o mito das sereias, deparamo-nos com um universo de significados sobre o mito que nos obriga a selecionar algumas características importantes para darmos seguimento às discussões aqui propostas. Mas antes, importa-nos comentar sumariamente o título do trabalho, mais especificamente a ambigüidade que permeia o termo “descendentes”, a fim de evitar incoerências que possam comprometer o escopo deste estudo.

Com uma breve consulta ao dicionário *on line*, chegamos, dentre os significados mais comuns (‘que provém de’; ‘que se dirige para baixo’; ‘filhos, netos, bisnetos, etc.’), ao que melhor nos convém: ‘que se *afasta* do ponto de partida ou do ponto principal’ (grifo adicionado). Nesse sentido, se a fala de D. Edith (a ser abordada na última parte deste texto), se aparta do narrador Ulisses no tempo e no espaço, por outro lado, se aproxima. Não só pela temática, obviamente, mas, e principalmente, pelos atributos comuns às sereias no que se refere ao seu poder mortal de sedução através de

seus cantos hipnotizadores, presságio da morte. As sereias, assim como as harpias, pertencem ao grupo das divindades da morte. Inclusive, na antiguidade, as sereias eram também invocadas no momento da morte, por isso, muitas estátuas que as representavam eram encontradas nos sepulcros, especialmente nos sepulcros egípcios. Segundo Junito de Souza Brandão (1992), o nome Sereia, em grego, significa aquela que encadeia, atrai os homens, sobretudo no mar. Conforme algumas variações míticas eram filhas do rio Aquelôo e de Melpômene ou de Estérope, jovens belíssimas que participavam do séquito de Perséfone.

Em linhas gerais, o mito das sereias corresponde, assim, dentre outras significações, às diversas formas de narrar sobre os perigos da sedução feminina. Nesse sentido, alguns questionamentos, inevitavelmente, vêm à tona: qual o sentido dessas elaborações mentais em nossas vidas? De que modo essas formas de pensar delineadas pelas narrativas tratam a figura feminina da sereia como um simulacro platônico, um ser falso e sedutor? Se uma das funções do mito é servir como regulador social, ditar comportamentos, etc., que tipos de implicações psicológicas podem desencadear nos nossos pensamentos e, conseqüentemente, nas formas de agir em uma sociedade dita pós-moderna como a nossa? Essas questões gerais exigiriam reflexões teóricas mais direcionadas para a questão de gênero. Entretanto, fogem ao escopo do nosso trabalho.

Mas, retomando a discussão sobre as funções do mito, somos levados a desconfiar que não se trate de um propósito inocente. Absolutamente. Essas remissões parecem repetir um mesmo modelo, pois os atributos do simulacro: ser falso, que encanta/enfeitiça, que seduz para a morte etc., permanecem, de um modo geral, nas narrativas que abordam as sereias. Vejamos que seduzir vem do latim *se-ducere* e significa, dentro desse campo semântico, conduzir à parte, guiar a outro lado, mudar de rota, deslocar, divagar. Quer dizer, desvirtuar. Tudo que Platão buscou evitar em sua cidade ideal. Trata-se, portanto, de categorias negativas do feminino encontradas, às vezes um pouco diluídas, na reativação dessas memórias que apresentam feições hierarquizantes, apesar do caráter descontínuo e ambíguo das narrativas míticas. Entretanto, podemos caminhar por outro viés interpretativo, não menos interessante. As narrativas míticas das sereias podem sinalizar as relações do homem com o misterioso e perigoso mundo aquático.

Sendo assim, para a análise do mito das sereias, partiremos da Odisséia, usado aqui como referência, e não como texto matriz, original etc., pois, como é de conhecimento geral, os relatos mais antigos sobre as nossas protagonistas remontam à

antiguidade clássica, na famosa obra atribuída a Homero². No longo poema do mar, o Canto XII da *Odisséia*, descreve que Odisseu/Ulisses, exausto, após ter retornado do reino de Hades, e depois de tantos anos tentando retornar a Ítaca, tem que enfrentar Cila e Caríbdis, mas antes terá que atravessar a região onde se encontram as sereias. E, graças às advertências da feiticeira Circe, Odisseu/Ulisses e sua tripulação passam incólumes aos encantos, ao fascínio mortal das sereias. Embora o episódio seja conhecido, vale à pena reproduzi-lo:

Circe, tomando-me pela mão, fez-me sentar longe deles [dos tripulantes], deitou-se a meu lado e interrogou-me sobre tudo quanto havia acontecido. [...] Chegarás, primeiro, à região das sereias, cuja voz encanta todos os homens que delas se aproximam. Se alguém, sem dar por isso, delas se avizinha e as escuta, nunca mais tornará a ver a esposa e os filhos inocentes sentados alegres a seu lado, porque, com seu canto melodioso, elas o fascinam. Residem elas, num prado, em redor do qual se amontoam as ossadas de corpos em putrefação, cujas peles se vão ressequindo. Prossegue adiante, sem parar; com cera doce como mel amolecida tapa as orelhas dos teus companheiros, para que nenhum deles possa ouvi-las. Tu, se quiseres, ouve-as; mas, que em tua nau ligeira te atem pés e mãos, estando tu direito, ao mastro, por meio de cordas para que te seja dado experimentar o prazer de ouvir a voz das Sereias (ODISSEIA, 2006, p. 113).

Importante que se diga que o nosso intento não é tomar a *Odisséia* como modelo original, nem procurar saber o significado da época, seu papel naquele contexto, mas tomá-lo como referência, inquietando-nos sobre a sua retomada e saber por que o mito das sereias continua circulando, fazendo parte do imaginário contemporâneo. Pois, é fato que no contexto da literatura ocidental, o mito é retomado, re-criado, ressignificado nas mais diversas formas, estilos e épocas, a exemplo de *Ulisses* de James Joyce, *A pequena sereia*, de Andersen, *Morrer a Ocidente*, da escritora portuguesa Luísa da Costa³, *O Tronco do Ipê*, de José de Alencar, o moderno poema épico *Iararana*, do escritor baiano Sosígenes Costa, *A lenda do Abaeté* da cidade de Salvador/BA, de autoria não identificada e, *A sereia da Lagoa Encantada*, também de autoria desconhecida, só para citar alguns exemplos.

Além disso, a presença das sereias é muito recorrente nas demais expressões artísticas, música, pintura, artesanatos, tecelagens, etc. Vale citar o mais recente sucesso da literatura infanto-juvenil (inevitável, o rótulo), *Harry Potter IV*, onde o canto da sereia é também um canto de advertência de morte.

² Ver questão homérica

³Publicado na exposição Mundial de Lisboa, a Expo-98, que adotou como tema "Os Oceanos, um Patrimônio para o Futuro". Inaugurada no dia 22 de maio às margens do Rio Tejo, no ponto de onde Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral se lançaram à conquista dos mares, há 500 anos,

Além de sua importância antropológica e artística, o mito das sereias pode se revestir de grande relevância para o processo de identificação e memória de uma comunidade, como é caso dos relatos provenientes dos moradores da Lagoa Encantada, em Ilhéus/BA. Porque o mito, assim como outras manifestações da poética da oralidade (como as lendas, os contos, os causos, etc.) apresentam peculiaridades que revelam informações históricas, etnográficas, sociológicas, constituindo-se, assim, em um documento vivo que denuncia costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamentos (CASCUDO, 1984).

Por isso que o estudo do mito, nas suas formas orais, em suas funções reguladoras, pode contribuir para o entendimento das culturas ditas “tradicionais”, porque possibilita reconhecer as formações histórico-ideológicas pelos quais os integrantes dessas comunidades se reconhecem como sujeitos. A contação de histórias é, portanto, um exercício de alteridade, de comunhão de conhecimentos, de partilhamento de saberes. Saberes que, conforme Foucault (apud REVEL, p. 2005, p. 77), ordenam o mundo.

Nesse contexto, arriscamos em afirmar que as narrativas míticas orais apresentam um teor de representação cultural, da qual emerge o seu imaginário. Abordar as narrativas míticas orais como um discurso significa dizer que toda a realidade, criada e re-criada nas histórias, bem com o seu processo de ressignificações está atravessada pela linguagem, pelo jogo ininterrupto das interpretações que, por sua vez, gera uma espécie de simulacros da memória. O imaginário, que se concretiza nas versões contadas e repassadas pelas pessoas envolvidas numa mesma comunidade, em seus cotidianos, perpetua o caráter simbólico das narrativas.

Conforme Mircea Eliade (1963), os mitos fornecem padrões de comportamento humano. E, sendo assim, compreender os mitos significa reconhecê-los como fatos humanos, fatos de cultura, criação do espírito.

Um Breve Parêntese Sobre o Mito e o Simulacro.

Em se tratando de mito, optamos por examinar, inicialmente, algumas definições correntes sobre o mito, tomando como ponto de partida o dicionário Michaelis que apresenta as seguintes significações: “1. Fábula que relata a história dos deuses, semideuses e heróis da Antiguidade pagã. 2. Interpretação primitiva e ingênua do mundo e de sua origem. 3. Coisa inacreditável. 4. Enigma. 5. Utopia. 6. Pessoa ou coisa incompreensível”.

Um rápido olhar sobre as respectivas significações e já podemos inferir que estas tentativas de definição do mito convergem para aquilo que é designado por Platão como *simulacro*. Ou seja: 1) o mito é um relato fabuloso, dos tempos remotos, por conseguinte, improváveis, uma narrativa alegórica que *sugere* alguma verdade; 2) tratá-lo como uma interpretação primitiva da realidade, implica em uma condição hierárquico-dominante de saber; 3) algo em que não deve ser levado muito a sério, algo sem realidade, destituído de crença; 4) algo que precisa ser decifrado como uma metáfora, ou seja, o mito fala enviesado, demanda interpretações, apresenta uma lógica e sentidos próprios, diferente do modelo imposto pela metafísica de Platão; 5) uma fantasia, uma quimera, algo irrealizável; 6) algo ou alguém inexplicável, algo difícil de ser decodificado, que se encontra nas sombras.

Esses desdobramentos evidenciam a dispersão de uma cadeia de significantes que tornam o processo de significação infinita, uma vez que os significantes vão se transformando em significados e vice-versa. Por outro lado, estas continuidades discursivas sinalizam um imbricamento de ideias mesmas que se prendem a um único referencial, cujo centro encontra-se aprisionado a um conceito ideológico, instituído: a “Verdade” absoluta.

Desse modo, tudo que não faz parte, ou obedece a esse jogo ideológico, é visto ou entendido como uma ameaça à ordem estabelecida, porque há nesse modelo platônico uma oposição incompatível entre o mundo sensível e o mundo das essências. A primazia do *logos*, em que a instância racional se impõe à instância intuitiva. Estamos entrando no campo discursivo do mito como um simulacro: a cópia da cópia, a imitação em terceiro grau, que se encontra a três pontos afastados da realidade. Por fim, sendo imitação da imitação, o mito, enquanto uma forma artística de representar o mundo se constitui em um desvio em relação à essência, ou seja, uma mentira, uma invenção, uma ficção. Embora não sejam exatamente sinônimas, estas palavras se aproximam pelo viés de desqualificação da arte e, por extensão, do mito.

Para a análise de um campo discursivo, Foucault (1997) orienta que esta seja efetuada de modo que se compreenda o enunciado na singularidade de sua situação, além de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa e de estabelecer suas correlações com os outros enunciados e ainda mostrar quais outras formas de enunciação exclui.

Nesse contexto, vale trazer algumas considerações etimológicas sobre as palavras invenção e ficção. A primeira que, de acordo com Lemaire (2000), vem do

latim *inventio*, com os seguintes significados: ato de achar, de descobrir. Tais significados sinalizam que se trata de uma coisa já existente, isto é, achar/descobrir o que já existe. Por sua vez, a palavra ficção vem do latim *fictio* que significa: ato de modelar, de criar e que é derivado do verbo *fingere* = modelar, moldar, ou seja, dar forma a alguma coisa que já existe. Entretanto, aponta Lemaire, que é no limiar dos tempos modernos que se começa a se desenvolver a noção moderna (negativa) dos referidos termos.

O dicionário Robert registra a primeira ocorrência, no ano de 1431, do substantivo *invenção* com essa conotação negativa, de mentira, ação de imaginar uma coisa que não existe, mas que é apresentada como se fosse verdadeira. [...] para o ano de 1462, a primeira ocorrência do fenômeno paralelo para o verbo *fingere* : dar como real um sentimento que a pessoa não tem (LEMAIRE, 2000, P. 116).

Deleuze, em seu ensaio “Platão e o simulacro”, retoma a dicotomia platônica (essência versus aparência) e a conseqüente noção de simulacro enquanto cópia degradada do objeto real do mundo das ideias, e afirma que “a dialética platônica não é uma dialética da contradição nem da contrariedade, mas uma dialética da rivalidade (*amphibetesis*). Uma dialética dos rivais e dos pretendentes.” Cujas essência da divisão é “filtrar as pretensões, distinguir o verdadeiro pretendente do falso” (DELEUZE, 1974, p.260).

Deleuze observa, neste texto, que as motivações platônicas de separar/distinguir se deslocam entre duas espécies de imagens: as “cópias” (= “ícones”) – que são possuidoras em segundo lugar, “pretendentes bem fundados”, garantidos pela semelhança; e os “simulacros” (= “fantasmas”) – que são como os “falsos pretendentes”, construídos a partir de uma dissimilitude, que implica uma perversão, um desvio essencial. Desse modo, o filósofo de *Lógica do Sentido* , propõe uma “reversão do platonismo” fundada na potência do simulacro, que não mais seria uma cópia degradada, “mas uma potência positiva que nega tanto o *original* quanto a *cópia* , tanto o *modelo* como a *reprodução* ”. (DELEUZE, Op. cit. p. 267).

Por conseguinte, a reversão do platonismo proposta inicialmente por Nietzsche e que Deleuze retoma, visa a “encurrular” a motivação platônica da divisão, do mesmo modo que Platão “encurrulou” os sofistas. Dentre os efeitos desse pensamento, estão os procedimentos de ruptura, de descentramento da verdade única estabelecida, de desconstrução do pensamento transcendental, sendo que, na contemporaneidade, predomina o simulacro, pois, ao suspender as semelhanças, as cópias, os simulacros surgem em toda sua potência criadora.

Nessa perspectiva, uma definição possível de mito a ser aqui adotada, em virtude da sua amplitude conceitual, é que

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades se espelharem suas contradições, exprimirem os seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma *possibilidade* de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de ‘estar no mundo’ ou as relações sociais. (ROCHA, 1994, p. 175, grifo meu)

Reportando-nos à Grécia Antiga, vimos que foi a partir de Xenófanes – que foi o primeiro a criticar e a rejeitar as expressões “mitológicas” da divindade, utilizadas por Homero e Hesíodo – que os gregos esvaziaram progressivamente o *mythos* de todo valor religioso e metafísico. Opondo-se tanto a *logos* como à história, *mythos* acabou por designar tudo “o que não pode existir realmente” (ELIADE, Op. cit. p. 9)

De acordo como Eliade, os mitos re-atualizam acontecimentos fabulosos, exaltantes, significativos, para se fazer penetrar num transfigurado, auroral, impregnado da presença de seres sobrenaturais. As personagens tornam-se presentes, contemporâneos. Vive-se no Tempo primordial, o Tempo em que o acontecimento teve lugar pela primeira vez. Revivendo, assim, um tempo prodigioso. É por isso que o mito é considerado como uma narrativa que faz reviver uma realidade original e que “responde a uma profunda necessidade religiosa, a aspirações morais, a constrangimentos e a imperativos de ordem social e, até, a exigências práticas”.

Nas civilizações consideradas primitivas, diz o autor, o mito exerce uma função indispensável porque ele exprime, realça e codifica as crenças; além de salvaguardar os princípios morais e de impô-los. Essa função reguladora do mito garante a eficácia das cerimônias rituais e fornece regras práticas para o uso do homem. O mito é, nessa perspectiva, considerado como um elemento essencial da civilização humana, pois,

longe de ser uma vã fabulação, é, pelo contrário, uma realidade viva, a qual constantemente se recorre; não é uma teoria abstrata nem uma ostentação de imagens, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática” (ELIADE, OP. Cit. p. 24).

Mas poderá ocorrer uma desmitização, isto é um esvaziamento do significado religioso que transforma os mitos em lendas ou contos para crianças, para outros mitos continuarem em vigor. Isso nada mais é do que o processo de ressignificação dos mitos em conformidade com as necessidades vigentes de cada sociedade. Segundo Eliade,

Iremos ver que a desmitização da religião grega e o triunfo (Sócrates e Platão) da filosofia rigorosa e sistemática não aboliram definitivamente o pensamento mítico. Aliás, é difícil conceber o abandono radical do pensamento mítico enquanto o prestígio das “origens” permanecia intacto e o esquecimento daquilo que acontecera *in illo*

tempore – ou num mundo transcendente – era considerado como o principal obstáculo ao conhecimento ou à salvação (ELIADE, Op. cit. p. 96).

De acordo com Lévi-Strauss (1979), a separação real entre a ciência e o pensamento mitológico ocorreu entre os séculos XVII e XVIII. Com Bacon, Descartes, Newton e outros. No entanto, diz o autor de *Mito e significado*,

Estamos agora num momento em que podemos, quiçá, testemunhar a superação ou a inversão deste divórcio, porque a ciência moderna parece ser capaz de progredir não só segundo a sua linha tradicional – pressionando continuamente para a frente, mas sempre no mesmo canal limitado – mas também, ao mesmo, alargando o canal e reincorporando uma grande quantidade de problemas anteriores postos de parte. [...] A ciência nunca estará completa e acabada. Haverá sempre novos problemas, e, ao mesmo ritmo com que a ciência foi capaz de resolver problemas que se consideravam filosóficos há uma dúzia de anos ou há um século, voltarão a aparecer novos problemas que não haviam sido apercebidos como tais [...] A ciência nunca nos dará todas as respostas. O que poderemos tentar fazer é aumentar, lentamente, o número e a qualidade das respostas que estamos capacitados para dar... (LEVI-STRAUSS, Op. cit. p. 25).

O Mito das sereias na Lagoa Encantada de Ilhéus - BA

A Lagoa Encantada, antiga Lagoa Grande, Lagoa de Taípe ou de Itaipé (topônimo utilizado pelos indígenas de língua tupi que significa “Caminho das Pedras”) é conhecida desde o século XVI, conforme os relatos de Pero Magalhães de Gândavo, e está localizada na Área de Proteção Ambiental da Lagoa Encantada e Rio Almada⁴. Anteriormente criada pelo Decreto nº 2217 de 14/03/93 (11.800 hectares), e ampliada pelo Decreto nº 8.650 de 22/09/2003, a APA abrange o litoral norte do município de Ilhéus, além dos municípios de Uruçuca, Itajuípe, Coaraci e Almadina, no Litoral Sul da Bahia, com uma área de 157.745 hectares de Floresta Ombrófila densa, associada ao cultivo do cacau.

Fonte inesgotável de inspiração de seus moradores, a Lagoa que dá nome a APA é um enorme espelho d’água de 5 km de comprimento e 3km de largura, formada pelos rios Pipite e Caldeiras, rios que fazem parte da Bacia do Rio Almada. Cercada pela mata Atlântica remanescente, a área é também composta por manguezais, restingas, rios, belas cachoeiras e encostas de falésias.

⁴ De acordo com a bióloga Márcia Virgínia (2002, p. 4), “A APA é uma unidade de conservação em áreas de domínio público ou privado sem desapropriação das terras, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso de recursos naturais”. Para entender melhor. **Encantos da Lagoa**. Jornal da APA da Lagoa Encantada, Ilhéus, BA. Ano 3, nº 6, dez/2002, p. 4.

No entorno da Lagoa, encontram-se inseridas as comunidades ribeirinhas dos distritos de Aritaguá e Castelo Novo e os povoados de Sambaituba, Urucutuca, Campinhos, Vila Olímpio, Ribeira das Pedras, Juerana e Areias (antiga Laranjeiras). Essas comunidades são constituídas, em sua maioria, por vilas de pescadores e trabalhadores rurais que, por sua vez, são formadas por gente muito simples, resultantes, em grande parte, da mistura de negros e índios.

É possível que o isolamento em que viveram essas comunidades no passado tenha contribuído para a perpetuação de alguns costumes locais como criar e contar histórias de seres assombrosos e engraçados causos que são especialmente narrados pelos pescadores mais velhos. Prática atualmente não muito comum em virtude do contexto de globalização a que estamos todos sujeitos, embora em níveis diferenciados.

A partir de pesquisa de campo, tornou-se possível observar que o imaginário dessas comunidades é realmente povoado por mitos, lendas, causos e superstições que falam de seres aquáticos sobrenaturais que vivem na Lagoa Encantada e também em seu entorno, a exemplo do nego d'água, do biatátá e da sereia que surge do fundo de suas águas misteriosas. Dizem até que até existe uma cidade no fundo da lagoa.

Nesse contexto tão rico de possibilidades para o estudo das narrativas míticas, o programa de televisão Bahia Revista, realizou um programa sobre os mitos da Lagoa Encantada, com intuito de questionar as crenças locais. Dentre os entrevistados, D. Edith Ferreira fez o seguinte relato ao ser questionada se ela já tinha “visto” a sereia na Pedra da Arigoa⁵

Ave Maria! Ela é tão linda, tão linda...! Ô meu Deus do céu! Com aqueles cabelão jogados nas costas. Com aquela lindeza com a gente. Tratando a gente, tratando a pessoa naquela coisa boa assim. E ela é bonita demais... eu nem sei contar... é bonita demais! (Dona Edith Ferreira, BAHIA REVISTA: Mitos. Exibido em agosto de 2006, pela TV Santa Cruz, afiliada da Rede Globo de Televisão).

Na perspectiva estudada até aqui, o que importa, não é exatamente o caráter fantástico da narrativa a ser analisada, já que estamos tratando de seres sobrenaturais. Mas antes, o caráter remissivo do próprio mito que, através de suas reproduções, recriam outros significados, outras variantes. Essa dinamicidade de recriação das narrativas orais é denominada por Zumthor como *mouvence* (ZUMTHOR). A partir de interpretações intersubjetivas, os contadores recriam as histórias. Sendo assim, o que

⁵ Pedra de ardósia que fica no centro da lagoa, que a depender do volume d'água podem ser observados os degraus invertidos que, segundo a crença local, leva a uma cidade submersa onde vivem os seres encantados. É justamente neste local que as aparições desses seres aquáticos sobrenaturais costumam aparecer com maior incidência, conforme os relatos dos pescadores e marisqueiras da Lagoa Encantada.

nos interessa focar é a observação de como e porque o mito das sereias se repete e é utilizado para mostrar o comportamento humano diante do desconhecido. Um comportamento universal, portanto. O mundo desconhecido das águas, dos oceanos, mares, rios e lagoas, de águas doces ou salgadas, águas rasas, águas profundas, segundo Bachelard (1998), ativam o imaginário, o devaneio poético.

A fala de D. Edith é indicadora de um passado, mas que não chega a ser um passado remoto. O seu testemunho adquire valor de verdade porque se trata de um saber que é compartilhado por todos da comunidade. É uma verdade que vem de longe, dos mais velhos. Trata-se de um testemunho que tem o respaldo de sua comunidade. Pois, entre os moradores da Lagoa Encantada, quem não viu também acredita porque ouviu os mais velhos falarem das sereias encantadas, assim como dos navios iluminados que aparecem à noite, e desaparecem repentinamente, as bolas de fogo que atravessam a Lagoa de um lado para outro: o biatatá, ou seja, a serpente de fogo que protege a mata. Trata-se do fogo fátuo, um fenômeno natural que tem a sua origem nos gases inflamáveis (como o metano CH₄) que emanam dos pântanos e de carcaças de animais em estado de putrefação. O fenômeno é também conhecido nos cemitérios.

É muito comum, entre os moradores da Lagoa Encantada, as pessoas dizerem que já viram a Sereia na Pedra da Arigoa, como poderemos ver no relato de Joca da Lagoa, como é conhecido o Sr. Joilson Costa, a seguir

A lagoa tem este nome porque muitas coisas a comunidade antiga via aí dentro, como o biatatá, enormes embarcações iluminadas [...] boi berrava no meio da lagoa, as ilhas flutuantes que deslocam de um lado para o outro de acordo com o vento...

A pedra da Arigoa que nas noites de lua cheia os pescadores ouviam a Sereia cantando suas lindas melodias, atraindo os pescadores. Quando o pescador se aproximava, ela pegava o pescador e descia para uma gruta que existe debaixo da pedra, descendo por uma escadaria de pedra. (In: SANTOS, 2004, fl 54).

A natureza que mexe com a crença e o imaginário dessas pessoas também faz com que a realidade seja repensada. Se as histórias são antigas, se somente os mais velhos presenciaram os encantos da Lagoa, existe um motivo, segundo D. Edith

A lagoa tá desencantando. Tá demais. O Pessoal num tá fazendo nada que preste. Dá pra xingar aqueles nomes horríveis, aquelas esculhambações...” (Dona Edith Ferreira, In: BAHIA REVISTA, agosto de 2006)

De acordo com o Joca da Lagoa, no período dos índios as coisas aconteciam mais, porque os índios constituam uma “civilização pura. Eles que viam essas coisas sobrenaturais porque viviam mais perto de Deus”. As falas de Joca e de D. Edith, como

podemos observar, é perpassada por juízos de valores que são instituídos culturalmente. Valores que foram estabelecidos por rígidos critérios morais.

De acordo com Lévi-Strauss, a diferença básica entre pensamento primitivo (usa o termo com ressalvas) e o pensamento moderno reside em que o primeiro é completamente determinado pelas representações místicas e emocionais, pois esses povos

São perfeitamente capazes de pensamento desinteressado [um modo intelectual de pensar]; ou seja, são movidos por uma necessidade ou um desejo de compreender o mundo que os envolve, a sua natureza e a sociedade em que vivem. Para atingirem este objetivo, agem por meios intelectuais, exatamente como faz um filósofo.

[...] um pensamento diferente cuja finalidade é atingir, pelos meios mais diminutos e econômicos, uma compreensão geral/total do universo – “ambição totalitária da mente selvagem”. (LEVI-STRAUSS, Op. cit., pp. 30- 31)

A guisa de conclusão, o que torna surpreendente numa análise de uma narrativa mítica é que o mito, ao ser retomado, é ressignificado, mas não perde o seu valor universal. Acrescentam-se nas variantes os valores da cultura local, bem como elementos geográficos da localidade, mas as noções de comportamento não mudam. Importante observarmos que o mito da sereia na Lagoa Encantada engendra normas de comportamento, pois apresenta uma função reguladora na sociedade onde ele permeia. O mito é, por conseguinte, um discurso prenhe de imagens arquetípicas, elementos simbólicos que perpassam várias épocas e lugares e que delineiam o comportamento humano.

Sendo assim, concluímos, provisoriamente, que essas remissões ao mito das sereias, se constituem em um espaço de luta, de resistência do mito. Embora o mito tenha passado por um processo de rebaixamento, conforme os valores estabelecidos pela metafísica platônica e que Deleuze propôs desconstruir, isto é, reverter os procedimentos de julgamento, desestabilizando as hierarquias impostas pelo modelo de Sócrates/Platão, criando possibilidades de diálogos (diferentes do modelo de Platão), tão fundamental para o estabelecimento das intersubjetividades.

Importante ressaltar ainda, que na ótica ambivalente de Platão (em determinados momentos o mito tem prestígio, em outros não), o mito é visto como uma tentativa de desorganizar a ordem instituída por Sócrates/Platão. Movido(s) por uma por uma vontade de verdade, uma vontade de saber, uma vontade de razão (= a uma vontade de poder), Sócrates/Platão estabeleceu dicotomias (valorizando um dos pólos em detrimento do outro, excluindo, deste modo, determinados discursos, dentre eles, os mitos) que até os nossos dias podem ser flagrados, como pudemos constatar na fala de D. Edith e de Joca da Lagoa.

Importante ressaltar também que o mito, como uma expressão artística comunicadora, explora as virtualidades do signo, desvirtua a realidade, correspondendo, nessa perspectiva, ao simulacro de Platão.

Assim sendo, devemos levar em consideração o mito como um *pharmakon* na sua ambivalência de sentido. Uma vez que o próprio Platão e seus seguidores recorreram aos mitos para fundamentarem os seus postulados em diversos diálogos, pois o mito, enquanto discurso, tem uma função ambígua, que não é tanto narrar o passado ou contar as origens, mas um discurso que relativiza o estabelecido e que por isso mesmo abriga inúmeras interpretações.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 202 p.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico-Etimológico**, vol. II, Petrópolis: Vozes, 1992, p375
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. pp. 139 –192.
- CAVALCANTI, Raíssa. **Mitos da Água: as imagens da alma no seu caminho evolutivo**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1998. p. 238-252
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999,
- COSTA, Sosígenes. **Iararana**. São Paulo: Cultrix, 1959
- CASCUDO Luis da Câmara: **Literatura Oral no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984,
- _____. **Geografia dos mitos brasileiros**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976, 480 p.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. trad. Luiz Roberto Salinas Fortes, 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994. 342p. (Estudos35)
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, c1963. 174 p.
- _____. **Mito e Realidade**. Trad. Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva S.A., 1991, 179 p.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 240 p.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. de Luis Felipe Baeta Neves. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1007
- _____. **A ordem do discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 9.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996
- JOLLES. André. **Formas simples: Legenda, Saga, Mito, Adivinha, ditado, Caso, Memorável, Conto, Chiste**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976, 222 p.
- LEMAIRE, Ria. Passado-presente e passado-perdido: transitar entre oralidade e escrita. In: Revista **Literatura d'América**. Itália: Facoltà di Scienze Umanistiche dell'Università di Roma p.83-121, 2000.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa [Portugal]: Edições 70, 1979. 93 p.
- NUNES, Carlos Alberto. **Odisséia**. 2. ed. São Paulo: Athena, [19--?]
- ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas-SP: Papyrus, 1998.

- PAES, José Paulo. Iararana ou Modernismo visto do quintal. In: **Iararana**. São Paulo: Cultrix, 1959, p. 3-19.
- PLATÃO. **A República**. São Paulo: Exposição do Livro, [19--]. 306p
- REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005. 96 p.
- ROCHA, Everaldo P. G. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTOS, Idelette Muzart Fonseca. Escrituras da voz e memória do texto: abordagens atuais da literatura popular brasileira. In: BERND, Zilá e MIGOZZI, Jacques. (orgs.). **Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995, 143 p.
- SANTOS, Reinaldo Soares dos. **O encanto da lagoa : O imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o turismo cultural na Lagoa Encantada**. Ilhéus, 2004. 124f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Santa Cruz/Universidade Federal da Bahia
- ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz. A “literatura” medieval**. Trad. Amalio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993. 324 p.
- _____. **Performance, Recepção, Leitura**. Trad. e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000. 137 p.